

O papel da indexação na categorização da transexualidade e travestilidade


Lucas Bento Oliveira dos Santos Tomaz

Graduado em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, UFRJ, RJ, Brasil

 <https://orcid.org/0009-0005-8446-747X> E-mail: olucastomaz93@gmail.com

Carla Beatriz Marques Felipe

Doutora em Ciência da Informação
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, UFRJ, RJ, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0001-5277-9165> E-mail: felipecarla12@gmail.com

Submetido em: 06-02-2024

Reapresentado em: 20-04-2024

Aceito em: 07-05-2024

RESUMO

A presente pesquisa contextualiza os estudos de gênero e aborda a história e as questões sobre travestilidade e transexualidade com intuito de fortalecer as pesquisas relacionadas à ética dentro da Organização do Conhecimento. Tem como objetivo geral identificar como a indexação influencia na recuperação da informação acerca de estereótipos de gênero. Para tal, averiguou como ocorre a representação da informação em duas bases distintas. No sentido de verificar se os termos que representam os documentos estão em conformidade com a literatura sobre estudos de gênero. Além disso, analisou se os termos estão de acordo com o Tesouro Para Estudo de Gênero e Sobre Mulheres e o Tesouro Sobre Orientação Sexual e Identidade de Gênero. A pesquisa qualifica-se como pesquisa bibliográfica, documental e descritiva com abordagem qualitativa. Diante disso, constata-se que não houve retorno de nenhum documento que se utilizasse de termos pejorativos.

Palavras-chave: indexação; transgênero; travesti.



The role of indexing in the categorization of transsexuality and transvestite

ABSTRACT

This research contextualizes gender studies and addresses the history and questions about transvestility and transsexuality with the aim of strengthening research related to ethics within the Knowledge Organization. Its general objective is to identify how indexing influences the retrieval of information about gender stereotypes. To this end, it investigated how information is represented on two different bases. to verify whether the terms that represent the documents are in accordance with the literature on gender studies. Furthermore, it analyzed whether the terms are in accordance with the Thesaurus for the Study of Gender and Women and the Thesaurus for Sexual Orientation and Gender Identity. The research qualifies as bibliographic, documentary and descriptive research with a qualitative approach. In view of this, it appears that there was no return of any document that used pejorative terms.

Keywords: indexing; transgender; transvestite.

1 INTRODUÇÃO

No campo da Ciência da Informação, tarefas como classificação, indexação e catalogação fazem parte da Organização do Conhecimento, que vem estabelecer a forma como os conceitos são organizados e estruturados. A Organização do Conhecimento é a disciplina que tem como propósito investigar as propriedades do conhecimento, como a própria representação e desenvolvimento de sistemas que objetivam a disseminação dele. Assim sendo, a Organização do Conhecimento deve desenvolver-se de forma ética e com o cuidado para não reforçar estigmatização de um grupo-alvo, como por exemplo, a comunidade LGBTQIAPN+. A diversidade é enorme dentro da população formada por Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Pôli, Não-binárias e mais (LGBTQIAPN+), mas parte dessa diversidade, no caso os transexuais e travestis, possui a menor participação social e acumula os piores números em questão de inclusão, sendo excluída até mesmo dentro da própria comunidade LGBTQIAPN+.

O Brasil é o país que mais mata transexuais e travestis no ranking mundial, segundo o dossiê da Associação Nacional de Travestis e Transsexuais (ANTRA). O último dossiê da ANTRA, realizado no período de outubro de 2020 a setembro de 2021, mostra que o Brasil

assassinou cerca de 125 pessoas trans¹, seguido do México com 65 pessoas e os Estados Unidos com 53 pessoas (Benevides, 2022). Não há o que comemorar, mas entender se no âmbito da Ciência da Informação são aplicados princípios éticos e metodológicos para definir documentos que representam a vivência dessas pessoas e os estudos de gênero.

O dossiê possui o intuito de denunciar o aumento nos casos de violência e violação dos Direitos Humanos, mas também serve como base para estudos de uma população-alvo de violência. São dados para abrir discussões sobre a necessidade de campanhas, cuidados com a saúde mental e leis que protejam as travestis e os transexuais.

A Biblioteconomia, ao operar em diversos contextos de informação, não se limita apenas à disseminação de informações, mas também se compromete com o acesso equitativo a essas informações, visando promover a inclusão social. Nesse sentido, é crucial desenvolver políticas e práticas que atendam às necessidades específicas da população LGBTQIAPN+ e contribuam para sua dignidade e participação na sociedade. Tal dever é, inclusive, lembrado no próprio juramento da Biblioteconomia, quando fala o seguinte: “Prometo tudo fazer para preservar o cunho liberal e humanista da profissão de Bibliotecário, fundamentado na liberdade de investigação científica e na dignidade da pessoa humana²”.

Entender que a Biblioteconomia e o bibliotecário são peças fundamentais para comunidades e grupos como o de pessoas trans e travestis, e que fazem a diferença nas vidas dessas pessoas ao levar o acesso às informações, é primordial.

Nesse contexto, Sousa (2014, p. 79) discute que:

Estudar a Biblioteconomia na perspectiva de gênero é procurar entender como os problemas da profissão estão relacionados com a predominância feminina na área, compreender também, como se dá a relação entre mulheres e homens, no contexto profissional.

Justifica-se essa pesquisa na necessidade de estudar se o processo de indexação é neutro, ético e livre de *biases*³, agregando na importância da padronização e do uso adequado dos termos, a fim de mobilizar os estudos sobre identidades de gênero sem

¹ Neste estudo, o termo Trans se utiliza como abreviação para transgênero ou travesti, embora o termo não se aplica as travestilidades com frequência.

² Disponível em: <https://www.crb14.org.br/index.php?art=9>.

³ Nome dado para descritores que refletem preconceito e/ou discriminação.

posição ideológica heteronormativa, respeitando a identidade de gênero de pessoas trans e travestis.

Pesquisas envolvendo estudos de gênero com foco em transexualidade dentro do campo da Biblioteconomia são pouco discutidas. Sánchez-Tarragó e Silva (2022) apontam em uma pesquisa sobre ética na Organização do Conhecimento que, apesar de poucas, as pesquisas sobre a temática estão em crescimento no país. O papel do bibliotecário como mediador entre o usuário e a informação se mostra necessário para que seja possível compreender a maneira como se deve alcançar o público cisgênero, “chamamos de cisgênero”, ou de “cis”, “as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento” (Jesus, 2012, p. 10), sem atingir de forma negativa os transgêneros⁴.

De acordo com Vieira (2019), os resultados de pesquisas realizadas três anos atrás sobre conteúdos relacionados à transexualidade e travestilidade eram encontrados em banco de dados relacionados à obscenidade.

Assim sendo, surge o questionamento: como a Biblioteconomia e seus profissionais lidam, do ponto de vista da representação, com a transexualidade e a travestilidade? Perante o exposto, esse estudo possui objetivos gerais e específicos. Como objetivo geral tem-se o de analisar como a indexação influencia na recuperação da informação acerca de estereótipos de gênero, especificamente transexuais e travestis, dentro dos sistemas de Bibliotecas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Base de dados Referencial de Artigos em Ciência da informação (BRAPCI). Para o alcance do objetivo geral, os objetivos específicos se desdobram em: averiguar como ocorre a representação da informação em duas bases distintas e se os termos que representam os documentos estão de acordo com a literatura acerca dos estudos de gênero; e verificar se os termos estão de acordo com o Tesouro Para Estudo de Gênero e Sobre Mulheres e o Tesouro Sobre Orientação Sexual e Identidade de Gênero.

2 ÉTICA NA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

A Organização do Conhecimento surge como a disciplina da Ciência da Informação que objetiva estudar e desenvolver sistemas voltados para a organização de unidades de

⁴ O conceito de transgênero será explicado melhor a seguir.

conhecimento (conceitos) e para a recuperação da informação, quando representada por estes conceitos. Segundo Felipe (2016, p. 12):

A Organização do Conhecimento é a disciplina que tem como objetivo estudar as propriedades do conhecimento, como as construções de representações e desenvolvimento de sistemas, com vistas a sua disseminação, dessa forma o objeto de estudo do qual a Organização do Conhecimento se apropria é o conhecimento materializado, isto é, o que está registrado.

Desta forma, ela engloba processo de representação do conhecimento tanto descritivos quanto temáticos. A representação descritiva trata acerca dos aspectos físicos do documento. Por sua vez, a representação temática versa sobre o assunto dos documentos.

Dentro da representação temática tem-se a indexação, atividade que serve para facilitar o acesso e a disseminação do conhecimento por meio de representação do tema do documento através de palavras-chave ou descritores. Pode-se afirmar que a indexação de documentos constitui um procedimento técnico-documental (conforme ilustrado na Figura 1) na organização do conhecimento. Trata-se da identificação e caracterização dos elementos distintivos e singulares de um documento, visando facilitar e agilizar sua localização e recuperação.

Figura 1 – Processo Técnico Documental



Fonte: Elaborados pelos autores.

Nesse sentido, as atividades de indexação devem ser desenvolvidas de forma ética e livres de preconceitos por parte dos profissionais que irão desenvolvê-la. Parte importante nesse comportamento serve para a eliminação de *biases* na indexação. Para Guimarães, Milani e Evangelista (2015, p. 22), *biases* são “[...] as inclinações ou tendenciosidades que podem ocorrer no momento em que o bibliotecário atribui com cabeçalho de assunto ou um

termo de indexação a um documento, por exemplo, revelando a não neutralidade desse processo”. O indexador deve trabalhar de forma ética e livre de preconceitos, não fortalecendo os preconceitos que existem em grupos como religiões, mulheres, indígenas, pessoas negras e comunidade LGBTQIAPN+ e outros grupos. Segundo Sánchez-Tarragó e Silva (2022, p. 90):

Esses valores éticos permitiriam que a biblioteca e os bibliotecários possam ser justos, oferecendo serviços de forma equitativa, apoiando transformações sociais e reconhecendo as identidades e conhecimentos dos grupos oprimidos.

Além disso, podem contribuir para diminuir aspectos que remetam a aspectos ligados ao colonialismo: visões onde só o que é hetero, masculino, branco e euro-centro é o que importa em ser disseminado. Assim sendo, para entender as questões de ética nas representações sobre a comunidade LGBTQIAPN+ primeiro deve-se compreender melhor os Estudos de Gênero.

3 ESTUDOS DE GÊNERO

Nesta seção são apresentadas indagações sobre os estudos de gênero e como suas questões estão ligadas ao público trans e travesti, mas não possui o objetivo de aprofundar os estudos nessa temática.

A concepção de gênero é bastante discutida ultimamente, além das constantes confusões em relacionar gênero ao sexo biológico. Para Moser (1989), o gênero é ligado a atribuições sociais, enquanto o sexo é diretamente conectado a atributos biológicos, normalmente estabelecidos pelas genitálias. Daí a vontade de se pensar em termos como sexualidade e identidade de gênero, já que são outros vocábulos muitas vezes confundidos e erroneamente debatidos por indivíduos que desconhecem suas devidas definições. A sexualidade nada mais é do que a orientação sexual da pessoa, seu interesse sexual e/ou romântico, que pode ser caracterizada por algumas nomenclaturas como: heterossexual, homossexual, bissexual, lésbica, pansexual, entre outros.

De acordo com a cartilha “Diversidade Sexual e a Cidadania LGBT” desenvolvida pela Coordenação de Políticas para a Diversidade Sexual de São Paulo, a identidade de gênero já entra em outra discussão, pois apesar da identificação biológica de nascimento, o indivíduo

pode se identificar com outro gênero, se distanciando da classificação dada pela concepção social e biológica (São Paulo, 2014).

A concepção de gênero tem estado associada ao papel de gênero, no qual a sociedade atribuía funções aos gêneros baseada em argumentos hoje reconhecidos como machistas, elitistas e muitas vezes sexistas. Tal panorama insere o homem como o dominante e a mulher como subordinada, sendo esta a dona da casa com papel de limpar, cozinhar, organizar, procriar e obedecer a seu marido, enquanto o homem deve trabalhar para trazer o sustento.

Esse cenário durou por muitos anos como o molde da estrutura familiar exemplar, tradicional. Atualmente, em contrapartida a essa invenção social, tal arranjo familiar tem sido quebrado, mostrando as diversas formas de construção familiar e desmembrando a heteronormatividade e o machismo estrutural.

Atualmente, entende-se que não é possível explicar os sexos masculino e feminino apenas por seu prisma biológico, visto que os papéis sexuais exercidos pelos seres humanos têm muito a ver com o aspecto social. De certa forma, explicar a homossexualidade não é tão simples quanto parece, até porque seu entendimento é objeto de estudo até hoje.

As pesquisas sobre estudos de gênero acompanharam movimentos feministas legando metodologias de pesquisa que se iniciaram na década de 1960 nas universidades dos Estados Unidos. Em 1963 o psicanalista Robert Stroller instaurou a discussão sobre o termo gênero, mas essa questão foi pensada por feministas para indagar o:

[...] procedimento de naturalização mediante o qual as diferenças que se atribuem a homens e mulheres são consideradas inatas, derivadas de distinções naturais, e as desigualdades entre uns e outras são percebidas como resultado dessas diferenças (Piscitelli, 2009, p. 119 *apud* Jesús, 2011, p. 3).

Nas décadas de 1950 e 1960 questões de gênero ganharam publicações e traduções de obras femininas que dispararam obras feministas. Nessa época surgem as questões de relações de poder e patriarcado. Segundo Piscitelli (2009, p. 35), passou-se a estudar as formas tradicionais com o intuito de encontrar “[...] conceitos apropriados para dar conta da opressão feminina e da realidade das mulheres”.

Joan Scott (1986) publicou "*Gender: A Useful Category of Historical Analysis*", onde questionava a falta de explicação sobre análises de gênero. Na consideração de Scott, os

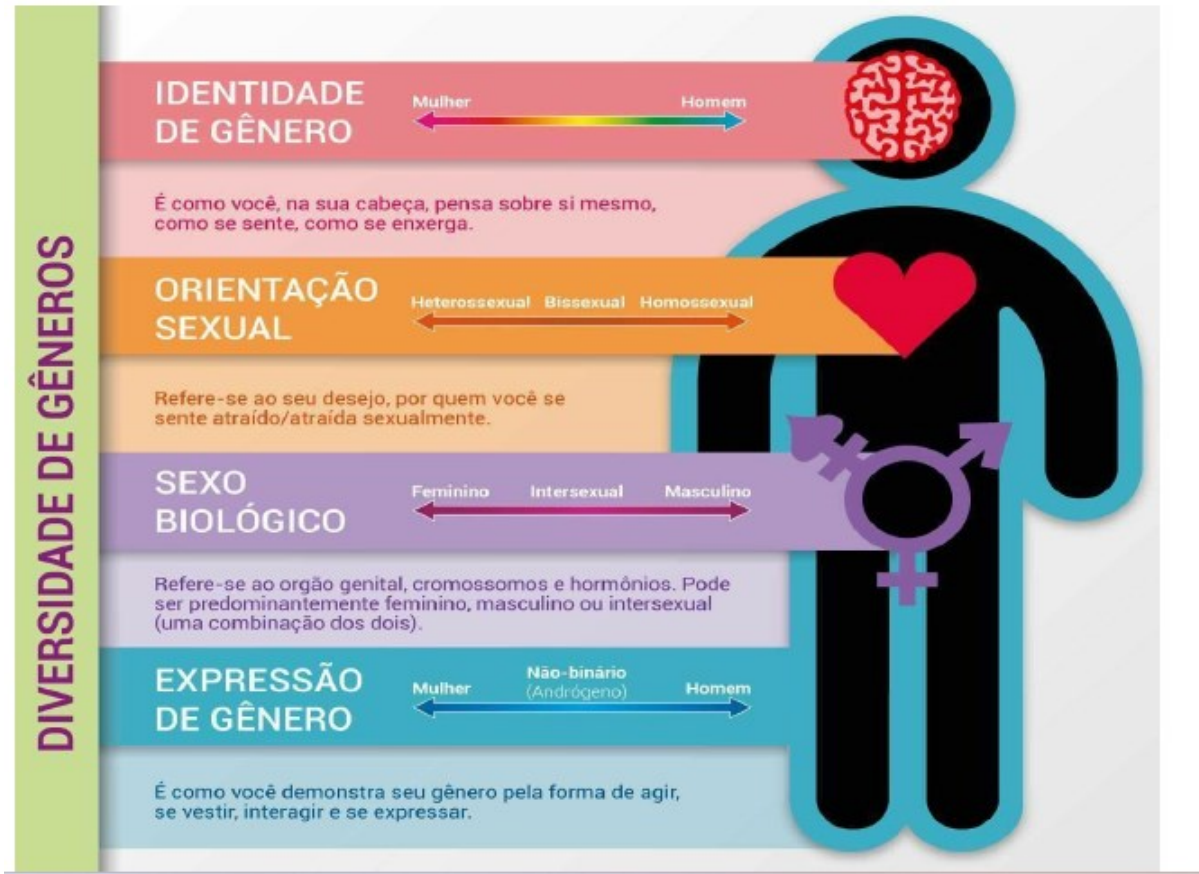
estudos de gênero tratam de entender as relações sociais e não as diferenças entre homens e mulheres. Na década de 1980 os estudos de gênero começaram a conquistar espaço no Brasil. Nesse contexto, cabe ainda compreender melhor os conceitos de transexualidade e de travestilidade.

É importante entender o mapa da diversidade de gênero (Figura 2), no qual é representado o contexto sobre identidade de gênero que é diferente da sexualidade do indivíduo, pois a identidade é como o indivíduo se identifica e sexualidade ou orientação sexual fala sobre com quem este indivíduo deseja se relacionar.

O Mapa da Diversidade de Gênero (2020) explica que o sexo biológico se trata do gênero que determinaram para aquele indivíduo ao nascimento, devido ao órgão genital.

E, por fim, a expressão de gênero trata-se de uma maneira de agir, como, por exemplo Drag Queen que se vestem, se expressam de maneira característica e essa expressão não tem relação alguma com o seu gênero ou sua orientação sexual.

Figura 2 – Mapa: Diversidade de Gênero



Fonte: Identidade [...] (2020).

De acordo com Lopes (2017), a transexualidade toma cenário séculos atrás na mitologia, quando personagens como Cibele, Ártis e Hermafrodito trazem atenção a esse fenômeno. Cibele era uma grande deusa, esposa de Cronos, personificação do tempo e mãe de Zeus. Ártis, seu filho, guardião do templo, foi proibido de se casar. Perturbado, ele se castrou e se matou.

Os seguidores do culto de Cibele contraíram a prática de se mutilar entre a orgia e a ebriedade. Hermafrodito, filho de Hermes e de Afrodite, rapaz concedido de rara beleza, negou o amor de uma ninfa que o envolve e se juntou a ele pela eternidade. Os deuses dos dois corpos criaram uma só pessoa com natureza dupla.

Na história de Danfe, está inscrito o pavor à ideia de amar. Receando o matrimônio como se fosse uma violação grave, ela implorou ao pai Peneu, o rio-deus, que não a obrigasse a casar. Como castigo, ele a transformou em um loureiro, de onde as folhas se faziam uma coroa, uma coroa de louros. No tratado dos ares, das águas e dos lugares, achavam a famosa definição da enfermidade dos citas, cidadãos da Rússia meridional, designada por Heródoto.

Quando falham em seus envolvimento com as mulheres na primeira vez, eles não se exaltam, preservando e priorizando a serenidade. Após duas, três ou várias realizações sem resultado, e deduzindo que tivessem cometido algum pecado à divindade fazendo disso o motivo, eles se trajavam com as roupas das mulheres e confessavam sua impotência. Logo após, assumiram a voz das mulheres e executavam, ao seu lado, o mesmo papel que elas.

A partir dessa história, é possível penejar acerca do item transexualidade, redigido pela primeira vez pelo médico clínico Harry Benjamin, que fez parte da primeira geração de endocrinologistas dos Estados Unidos da América.

O termo foi usado também por Hirschfeld, sendo este o pioneiro a utilizar o termo para se referir aos que desejavam transicionar de sexo fisiologicamente. Sendo assim, Benjamin começou a designar a cirurgia de redesignação sexual como a única deliberação terapêutica viável para transexualidade.

3.1 TRANSEXUALIDADE E TRAVESTILIDADE: HISTÓRICO E CONCEITOS

A sociedade gira em torno do sistema binário, ou seja, características físicas que segmentam homens e mulheres. Para Leite Júnior (2008) e Lima (2012), a transexualidade será notável em distintos campos de saber. Cruz (2014, p. 23) afirma que gênero, “[...] além da ideia de masculinidades e feminilidades, expressa relações de poder tanto quanto outros marcadores sociais e com eles se combinam”. Assim, afirma que não se pode empregar masculino e feminino como expressões para gênero, pois pode atrapalhar no seu entendimento, ao relacionar com hierarquia e relação de poder do sexo oposto.

Antes da discussão sobre transexualidade e travestilidade, se faz necessário a apresentação do termo Cisgênero, termo que está ligado as discussões de gênero. Conforme Batista (2023) o termo Cisgênero (ou cis em uma abreviação) é utilizado para designar pessoas que se identificam com o gênero o qual nasceram. Pessoas que nasceram com características masculina que se reconhecem como homem ou pessoas com características femininas que se reconhecem como mulher.

O termo Travesti possui origem francesa e detém relação com o termo Burlesque (interpretação artística de gênero), porém a travestilidade nasceu de contextos políticos e sociais. A transexualidade refere-se à forma pela qual as pessoas trans se identificam, por fim contrariando os conjuntos e valores perante a sociedade que as definem, que as classificam.

Na ocasião em que se relaciona às travestis e transexuais é importante relatar alguns pontos importantes na história desses corpos e de suas reivindicações de locais, leis e direitos perante a sociedade.

De acordo com Dia [...] (2021), os primeiros registros de pessoas trans ou travestis no Brasil se deu por uma mulher negra escravizada, conhecida como Xica Manicongo em 1591, porém levou anos para ser criada uma instituição de pessoas LGBTQIAPN+. A Instituição conhecida como “Turma OK” foi fundada no Rio de Janeiro em 1962, na qual eram realizados encontros escondidos por conta da Ditadura Militar. Em 1990, a Organização Mundial Saúde retirou a homossexualidade da lista de doenças mentais.

Em 29 de janeiro de 2004 foi estabelecido o Dia Nacional da Visibilidade Trans, após um ato nacional, marcado para trazer visibilidade para o movimento trans (Carvalho, L.,

[2022]). Em 2006 o SUS passou a aceitar o nome social em qualquer serviço ou atendimento pela rede pública de saúde e em 2009 foi inaugurado a Rede Nacional de Pessoas Trans do Brasil (REDETRANS), primeiro ambulatório exclusivo para pessoas trans e travestis.

Pela primeira vez, em 2016 em São Paulo uma mulher pode alterar seu nome e gênero na certidão de nascimento sem prescrição médica. E no ano seguinte Tiffany Abreu tornou-se a primeira jogadora transexual de vôlei atuar na seleção com mulheres cis.

Em 2018, foi autorizado pelo Supremo Tribunal Federal que pessoas trans e travestis pudessem retificar seus documentos sem autorização judicial e foi o ano em que o legislativo federal ficou marcado por eleger mais de 10 candidatas trans e travestis.

A transexualidade tornou-se mais discutida na mídia e em meio à convivência social, mas afinal o que é a transexualidade? Para Lopes (2017, p. 52) “[...] em princípio, é o desejo de pertencer permanente e completamente a apenas um sexo, oposto ao que se foi nomeado ao nascer”. Caracteriza-se pelo sofrimento do indivíduo, ele entende que o gênero ao qual foi lhe atribuído ao nascimento não é o gênero com o qual ele se reconhece e nesse momento, ele começa uma longa batalha consigo mesmo, seja ela com o círculo familiar ou perante a sociedade para que ele seja aceito, seja respeitado e não caracterizado como objeto sexual, por exemplo, e que principalmente não tenha sua identidade apagada pela sociedade.

E sobre os termos transexuais e travestis? É de conhecimento geral a diferença de cada um? A forma correta é entender como a pessoa se identifica e respeitar essa auto identificação, mas para Jesus (2012, p. 16) as travestis são “[...] pessoas que vivenciam papéis de gênero feminino, mas não se reconhecem como homens ou como mulheres, mas como membros de um terceiro gênero” e os transexuais é um “termo genérico que caracteriza a pessoa que não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento”. Por sua vez, para os autores Santos, Neves, Silva e Cortês (2017, p. 15) os mesmos termos têm as seguintes definições:

Travesti: [...] pessoa que, designado como gênero masculino no nascimento, objetiva a construção do feminino, podendo incluir ou não procedimentos estéticos e cirúrgicos.

Transgênero: [...] pessoa que possui identidade de gênero diferente da designada ao nascimento e realiza ou não transição para se redesignar socialmente quanto ao mundo como se vê e sente. [...] pessoa que pode

optar por realizar a redesignação sexual por meio de intervenção médica [...]. [...] Quem não é exclusivamente homem ou mulher; Quem se recusa a ter que necessariamente e/ou unicamente entrar na binaridade de gênero ou deixar que ela o restrinja (alguns podem identificar-se como *gender-queer* – termo que abrange várias identidades diferentes dentro de si).

De acordo com a descrição de Jesus (2012, p. 16), é possível observar a ênfase no fato de que, diferentemente das pessoas trans, as travestis não transitam de um gênero para o outro. Apesar da *performance* feminina, não se consideram mulheres, são essencialmente travestis. Travesti é uma identidade que nasce à margem da sociedade e resiste, muitas vezes recorrendo a trabalhos como a prostituição para se manterem vivas.

Na definição de transgênero, essa importante característica das travestis — o fato de não transitarem de um gênero para o outro e se identificarem especificamente como travestis — não é mencionada. Além disso, a definição de transgênero ainda sugere que pode haver ou não procedimentos estéticos ou cirúrgicos, quando isso é determinante para a identidade de gênero das travestis. Os procedimentos por muitas vezes são realizados de forma clandestina, acarretando riscos para a saúde das travestis. Falta ainda, para as duas definições, a questão da marginalização.

Ambas as identidades sofrem violência, e alguns casos são excluídas da sociedade, e sofrem discriminação perante a sociedade heteronormativa, o que as tornam corpos marginalizados. Cruz e Silva (2017) citam ainda que em muitos casos, a esse grupo da sociedade ainda lhe é negado o acesso a educação.

As bibliotecas possuem papel fundamental a nível informacional, questões de gênero não devem influenciar na relação entre usuário e informação. Segundo Lindemann (2016, p. 4),

O indivíduo trans possui necessidades de informações que precisam ser atendidas pelo bibliotecário. Não se trata de assistencialismo, mas dever profissional de informar as pessoas sobre seus direitos e minorar os efeitos da falta de informação, o que, aliás, com relação a pessoas trans, podem causar mortes e estas são evitáveis pela informação, e é nosso dever informar os interagentes que fazem parte da nossa comunidade informacional.

Dessa forma, fica explícito o papel do bibliotecário como disseminador da informação, no sentido de atender esses usuários de forma correta, de acolher e de respeitar a história e as dores de pessoas trans e travestis. Assim, os estudos de gênero, como os de travestilidade e de transexualidade consagram-se como assuntos que devem ser

extraídos por meio de indexação. Resultado das especificidades e da ética envolvidas no processo.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Essa pesquisa qualifica-se como pesquisa bibliográfica, documental e descritiva com abordagem qualitativa, no intuito de investigar se nas plataformas da Minerva da UFRJ, de forma mais geral, e da BRAPCI, como conteúdo mais específico na área de Ciência da Informação, se apresentam conteúdos contendo *biases* na sua indexação.

A BRAPCI é a base de dados referencial de periódicos em ciência da informação, nascida em 1995 do projeto de pós-doutorado da professora Leilah Santiago Bufrem, que tinha por objetivo incluir uma compilação significativa de produções científicas do Brasil e da Espanha. Por sua vez, a base da Minerva é a base de dados que engloba as quarenta e quatro bibliotecas do Sistema de Bibliotecas e Informação (SiBi) da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Sabe-se que na BRAPCI, os descritores são as palavras-chave atribuídas livremente pelos autores dos artigos, assim, não se utilizam instrumentos para a indexação e a representação pois a atribuição de palavras-chave ocorre conforme a percepção dos autores dos artigos acerca dos termos que melhor representam o assunto de seu documento. Por sua vez, na base Minerva a indexação ocorre com o auxílio de instrumentos como tesouros e vocabulários controlados escolhidos pelas bibliotecas ao qual o documento pertence.

Como o objetivo é investigar se os sistemas apresentam alguns aspectos que não sejam éticos, os termos para a busca foram “Travesti”, “Transgênero”, “Transexualidade” e “Transgênero” no campo assunto (Base Minerva) e no campo Palavras-Chave (BRAPCI), em alguns casos com o uso do operador booleano “OR”, a fim de criar uma lista de títulos e analisar a maneira como os assuntos dos documentos recuperados das bases da Minerva e da BRAPCI foram representados. A escolha desses termos justifica-se por serem os mais adequados para a representação de documentos sobre a temática. Também foi utilizado o termo “Traveco”, expressão pejorativa para travesti, a fim de identificar se foi utilizado em alguma base de dados. Para análise dos documentos recuperados, foram lidos os títulos e

introdução quando o material era livros. Quando artigos foram lidos o título, resumo e palavras-chave.

Após a recuperação dos documentos e análise das suas representações, também foi realizada a análise por meio de dois tesouros, uma vez que servem como ferramentas de representação da informação. Foram escolhidos dois tesouros que abarcam a temática de Gênero. O primeiro Tesouro utilizado chama-se Tesouro Para Estudos de Gênero e Sobre Mulheres, escrito pelas autoras e feministas Cristina Bruschini, Danielle Ardaillon e Sandra G. Unbehaum (Bruschini; Ardaillon; Unbehaum, 1998). O projeto foi apresentado no Encontro Nacional sobre Relações Sociais de Gênero, realizado na Universidade de São Paulo como ideia para uma revista científica, e anos depois tornou-se um Tesouro publicado pela Editora 34.

Por fim, o Tesouro sobre Orientação Sexual e Identidade de Gênero, dos autores Rodrigo Amorim Társia e Milo Carvalho do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), surgiu da ideia de compreender os vocabulários de gêneros e suas variedades, estando disponível para uso desde 2020 no site da Universidade (Társia; Carvalho, 2020).

Diante dos resultados coletados, o Tesouro para Estudo de Gênero e Sobre Mulheres foi descartado, pois não contempla os termos investigados na presente pesquisa. Os termos Travesti e Travestilidade, apesar de se referirem a uma pessoa do gênero feminino ou não-binário, não existem no Tesouro para Estudos de Gênero e Sobre Mulheres.

A seguir a apresentação dos resultados.

5 RESULTADOS

Nesta seção são apresentados os resultados das análises realizadas nesta pesquisa. Os termos extraídos das buscas de registros nas bases da Minerva e da BRAPCI foram comparados com o Tesouro sobre Orientação Sexual e Identidade de Gênero da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O primeiro termo utilizado foi o termo Traveco (Quadro 1).

Quadro 1 – Busca pelo termo (Traveco)

Termo	Minerva	BRAPCI	Tesouro sobre orientação sexual e identidade de gênero	Tesouro para estudos de gênero e sobre mulheres
Traveco	-	-	-	-

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Nota-se que não houve retorno de nenhum tipo de documento que se utiliza esse termo pejorativo como descritor ou palavra-chave, como também não existe anotação para ele nos Tesouros usados como referência.

A busca pelos termos “Travesti”, “Transgênero”, “Transexualidade” e “Transgênero” se observa no Quadro 2. Na BRAPCI foram recuperados oito artigos, dos quais seis versam sobre a temática, dois artigos não foram considerados parte do corpus pois o termo “transexualidade” aparece nos artigos, mas temáticas não são os focos das publicações. Dos seis artigos considerados válidos esses abordam sobre análise do discurso, desinformação, transexualidade na literatura da área da saúde e competência da informação para pessoas travestis e transexuais, além de um artigo ser uma entrevista a primeira bibliotecária transexual que teve o registro no conselho de classe. Assim, pode-se inferir que os autores dos artigos, em sua maioria, estão representando suas publicações com os termos pertinentes e livres de *biases*.

Quadro 2 – Busca por termos “Travesti”, “Transgênero”, “Transexualidade” e “Transgênero”

Termo	Minerva	BRAPCI	Tesouro sobre orientação sexual e identidade de gênero	Tesouro para estudos de gênero e sobre mulheres
Transexualidade	3 documentos recuperados	8 documentos recuperados	Houve retorno	-
Transexualidade AND Travestilidade	4 documentos recuperados	Não houve retorno	-	-
Transexualidade OR Transgênero	2 documentos recuperados	Não houve retorno	Houve retorno	-
Transgênero	14 documentos recuperados	8 documentos recuperados		
Travesti	45 documentos recuperados	5 documentos recuperados	Houve retorno	-

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Por sua vez, a base Minerva, por ser uma base de assuntos mais gerais, recuperou-se números maiores de documentos como teses, dissertações e livros, e mais variados assuntos relacionados à temática, tais como identidade de gênero, cultura, saúde, análise dos discursos, direito e leis que protegem a comunidade LGBTQIAPN+.

Quando a busca foi realizada na base Minerva, pelo termo Travesti, não resultou em documento encontrado com o termo específico. Notou-se que a base usa o termo “Travestis” no plural para indexar os conteúdos relacionados à temática. Dessa forma, foram recuperados 45 documentos com o termo no plural. Após a análise da literatura e do tesauro, percebe-se que o termo no plural ou no singular possuem o mesmo significado, apenas é uma escolha feita pela base Minerva de utilizar o mesmo no plural. Os documentos recuperados nesses parâmetros, versam sobre questões de gênero, alguns mas especificamente sobre questões de transição de gênero, onde as travestis estão inseridas.

Como se pode observar, nas bases Minerva e BRAPCI não foram encontrados termos com cunho preconceituoso em suas representações.

A seguir, a apresentação da análise do tesauro selecionado na pesquisa.

5.1 ANÁLISE DO TESAURO

O Tesauro Sobre Orientação Sexual e Identidade de Gênero foi analisado detalhadamente, para observar e entender como são apresentadas as definições dos descritores.

No Tesauro Sobre Orientação Sexual e Identidade de Gênero (Tesauro, 2020), apesar de não existir o termo Travestilidade, obtivemos o termo Travesti, que conceitua como “pessoa do sexo masculino que transiciona do masculino ao feminino vivendo no gênero feminino. [...] Em reconhecimento e respeito a esta identidade deve-se sempre dizer a travesti e nunca o travesti”. É notável que o Tesauro foi elaborado segundo princípios éticos, livre de *biases* para criar a definição e a nota de aplicação respeitando a identidade das travestis. Por muito tempo esse termo foi considerado pejorativo, porém tem ganhado um significado político (Transcedemos [...], [2021]).

Ao observar o Quadro 3, onde consta a definição dos descritores e as orientações de como empregá-los na indexação, pode-se constatar que o tesauro apresenta os termos de

acordo com a literatura e os estudos de gênero, sendo livre de qualquer preconceito existente.

Quadro 3 – Apresentação dos descritores

<p>Travesti TG: Transgênero TR: Crossdresser TR: Expressão de Gênero</p> <p>Definição: Pessoal do sexo masculino que transiciona do masculino ao feminino vivendo no gênero feminino. Nota: Em reconhecimento e respeito a esta identidade deve-se sempre dizer a travesti e nunca o travesti.</p>
<p>Transgênero TG: LGBTQIA+ TE: Travesti TE: Transformista TE: Andrógino TR: Transexual</p> <p>Definição: É toda pessoa que reivindica o reconhecimento social e jurídico de uma identidade de sexo/gênero diferente daquela que lhe foi atribuída/imposta no momento de seu nascimento ou após ele. Nota: A transexualidade é uma experiência identitária caracterizada pelo conflito de normas de gênero e pela reivindicação do reconhecimento de uma nova identidade de sexo e gênero, segundo as subjetividades e as narrativas dos próprios sujeitos. (glossário escolas plurais)</p>
<p>Transexualidade TG: Diversidade Sexual TE: Transexual TR: Processo Transexualizador TR: Transhomem TR: Transfobia TR: Transmulher</p> <p>Definição: Refere-se à condição do indivíduo cuja identidade de gênero difere daquela designada no nascimento. Nota: Homens transexuais podem ser chamados de transexuais masculinos ou em inglês FTM (female to male). Mulheres transexuais podem ser chamadas de transexuais femininas ou MTF (male to female).</p>

Fonte: Tesouro Sobre Orientação Sexual e Identidade de Gênero (2023).

5.2 ANÁLISES DA INDEXAÇÃO

A utilização de tesouros desempenha um papel significativo nas análises realizadas neste estudo. Ao comparar os documentos recuperados nas obras pesquisadas na BRAPCI com as terminologias dos tesouros, foi possível avaliar a conformidade da indexação com as normas e padrões estabelecidos. No Quadro 4, temos a etapa da conferência desses resultados.

Quadro 4 – Resultados da BRAPCI

Termo	Título	BRAPCI	Tesouro - Terminologias
Travesti	Travestis e pessoas transexuais na mídia alagoana: análise do discurso em portais online	Travesti. Análise do Discurso. Transexualidade.	TR: Transgênero
Transgênero	Visibilidade social de indivíduos transgênero e sistemas de organização do conhecimento	Organização do Conhecimento. Linguagem. Indivíduos Transgênero. Visibilidade.	TG: LGBTQIA+ TE: Travesti TR: Transexual
Transexualidade	TRANSEXUALIDADE E DISCURSO EM MOVIMENTO: ANÁLISE DO PROTAGONISMO DA LAERTE COUTINHO NO DOCUMENTÁRIO LAERTE-SE	Análise de Discurso Crítico. Transexualidade. Documentário Laerte-se.	TG: Diversidade Sexual TE: Transexual TR: Processo Transexualizador TR: Transhomem TR: Transmulher

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Na comparação foi observado que, nos exemplos analisados, não foram identificados indícios de comportamento antiético na indexação, indicando que os princípios éticos e técnicos foram aplicados de forma apropriada. Quadro 5, temos o mesmo estudo visto anteriormente, porém na base da Minerva:

Quadro 5– Resultados da Minerva

Termo	Título	Minerva - Termos	Tesouro - Terminologias
Travesti	Análise crítica de decisões judiciais sobre transexualidade do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro de 2009 a 2015 /	Discursos Judiciais. Transexualidade. Gênero	TR: Transgênero
Transgênero	Vulnerabilidades e fortalezas na saúde dos trabalhadores transgêneros no município do Rio de Janeiro /	Pessoas Transgênero. Saúde. Trabalho	TG: LGBTQIA+ TE: Travesti TR: Transexual



Termo	Título	Minerva - Termos	Tesouro - Terminologias
Transexualidade	Em busca de reconhecimento: limites e desafios dos processos de requalificação civil de pessoas trans no Rio de Janeiro /	Corpo. Gênero. Transexualidades. Requalificação Civil. Defensoria Pública.	TG: Diversidade Sexual TE: Transexual TR: Processo Transexualizador TR: Transhomem TR: Transmulher

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Na base Minerva, os conteúdos são livres de *biases*, e como a descrição dos documentos é realizada de maneira mais extensa devido ao perfil da base, uma base voltada para atender uma comunidade menos específica que a BRAPCI, é possível identificar que a recuperação dessas informações se deu por conta dos conteúdos dos documentos e não necessariamente das palavras-chave, como ocorre na BRAPCI.

Ao pesquisar o termo travesti recuperamos o título “Análise crítica de decisões judiciais sobre transexualidade do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro de 2009 a 2015”, na qual as palavras para recuperação desse título são: Discursos Judiciais, Transexualidade e Gênero (Carvalho, H., 2018). O termo travesti está escrito dentro do documento e não no título ou nas palavras-chave como visto, mas não está errado, pois a indexação automática ocorre pela extração dos termos dentro do documento.

Desse modo, conclui-se que os resultados foram satisfatórios, já que foi possível compreender e observar que a ética nos processos de indexação foi garantida. Da mesma forma, observou-se que o Tesouro analisado concorda com a literatura.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo procurou mostrar o papel da indexação na categorização da transexualidade e travestilidade: se o processo é ético e livre de *biases*. Buscou-se reconhecer a luta pela igualdade de gênero que existe há milhares de anos como foi representada, desde a manifestação de mulheres cis lutando pelos mesmos direitos dos homens cis, quanto pessoas trans e travestis tentando romper valores tradicionais em busca de dignidade para viver.

Devido à necessidade de refletir sobre os impactos desses padrões heteronormativos na comunidade trans, e como a Biblioteconomia é uma ponte segura de acesso à informação, essa pesquisa foi necessária e importante para o campo de investigação, visando abrir espaços de discussões sobre construir espaços seguros para essa comunidade.

Nesse contexto, o objetivo do estudo foi cumprido, tendo em vista que diversos documentos foram recuperados e identificados como livres de sinais de estereótipos de gênero. Para atingir o entendimento desse contexto foi necessário determinar dois objetivos específicos. O primeiro objetivo foi averiguar como ocorre a recuperação da informação nas bases da Minerva e da BRAPCI, e se os termos estão de acordo com a literatura acerca dos estudos de gêneros. O segundo foi averiguar se esses termos estavam de acordo com o Tesouro Sobre Orientação Sexual e Identidade de Gênero.

Os procedimentos utilizados para alcançar esses resultados foram a pesquisa bibliográfica e documental por fazerem uso de materiais relevantes para obter informações sobre o estudo de gênero. O método descritivo com abordagem qualitativa permitiu fazer uso de palavras-chave como transexualidade e travestilidade para recuperar documentos e analisar a forma como foram indexados, comparando-se com precisão os mesmos termos dentro dos tesouros.

Conclui-se que os resultados foram suficientes, já que foi possível compreender e observar que a ética nos processos de indexação foi garantida. Da mesma forma, observou-se que o Tesouro analisado concorda com a literatura. Deixando como ressalva, para os organizadores do Tesouro para Estudo de Gênero e Sobre Mulheres, mencionado no capítulo dos procedimentos metodológicos da pesquisa, a necessidade de melhorias na forma de indexar os termos referentes aos transexuais e travestis, levando em consideração, seu cotidiano e diferenciando-se dos padrões heteronormativos.

Espera-se contribuir com trabalhos futuros, assim como estimular bibliotecários a acolher, respeitar e entender a história dessa comunidade, levar informações e buscar melhorias, mesmo que em suas próprias ferramentas, para que a Biblioteconomia social ocorra.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Lívia. Cis e Trans: qual a diferença dos termos? **Brasil de Direitos**, [s.l.], 26 maio 2023. Disponível em: <https://www.brasildedireitos.org.br/atualidades/cis-e-trans-qual-a-diferenca-dos-terminos>. Acesso em 22 fev. 2024.

BENEVIDES, Bruna G. **Dossiê: Assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2021**. Brasília, DF: ANTRA, 2022. Disponível em: [Jhttps://antrabrasil.files.wordpress.com/2022/01/dossieantra2022-web.pdf](https://antrabrasil.files.wordpress.com/2022/01/dossieantra2022-web.pdf). Acesso em: 8 nov. 2023.

BRUSCHIN, Cristina; ARDAILLON, Danielle; UNBEHAUM, Sandra G. **Tesouro para estudos de gênero e sobre mulheres**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas / Editora 34, 1998. Disponível em: <https://www.fcc.org.br/conteudos/especiais/tesouro/arquivos/TPEDGESM.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2023.

CARVALHO, Henrique Rabello. **Análise Crítica de Decisões Judiciais sobre transexualidade do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro de 2009 a 2015**. 2018. 138 f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas em Direitos Humanos) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7199499. Acesso em: 24 jan. 2024.

CARVALHO, Lucas. 29 de janeiro - Dia Nacional da Visibilidade Trans. **Instituto Ethos**, São Paulo, [29 jan. 2022]. Disponível em: <https://www.ethos.org.br/conteudo/opiniones-e-analises/29-de-janeiro-dia-nacional-da-visibilidade-trans/>. Acesso em: 27 maio 2024.

CRUZ, Denis Souza; SILVA, Rodrigo Barbosa e. Direitos humanos, pobreza e exclusão social – um olhar para travestis e transexuais em contextos educacionais. **Revista Humanidades e Inovação** v.4, n. 6, 2017. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/503>. Acesso em: 2 maio 2023.

CRUZ, Tânia Mara. **Sexualidade e orientação sexual: cultura e transformação social**. Palhoça, SC: UnisulVirtual, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/24687964/Livro_virtual_Sexualidade_e_orienta%C3%A7%C3%A3o_sexual. Acesso em: 2 maio 2023.

DIA da Visibilidade Trans: uma linha do tempo da luta e dos direitos de travestis, transexuais e transgêneros. **NUGEN - NÚCLEO DE GÊNERO E DIVERSIDADE**, Pelotas, RS, 29 jan. 2021. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/nugen/2021/01/29/dia-da-visibilidade-trans-uma-linha-do-tempo-da-luta-e-dos-direitos-de-travestis-transexuais-e-transgeneros/>. Acesso em: 18 abr. 2024.

FELIPE, Carla Beatriz. **Os aspectos sociocognitivos para a indexação de fotografias**. 2016. 153 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.



GUIMARÃES, José Augusto Chaves; MILANI, Suellen Oliveira; EVANGELISTA, Isadora Victorino. Valores éticos na organização e representação do conhecimento. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis, v. 20, n. esp. 1, p. 19–32, fev. 2015. DOI: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2015v20nesp1p19>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2015v20nesp1p19>. Acesso em: 19 abr. 2024.

IDENTIDADE de Gênero: o que precisamos saber sobre? **Redação Jornal DCI**, [São Paulo], 31 ago. 2020. Disponível em: <https://www.dci.com.br/dci-mais/noticias/identidade-de-genero/10870/>. Acesso em: 25 jan. 2024.

JESÚS, Bento Manoel de. (Des)Naturalização do Gênero e da Sexualidade: Algumas Reflexões sobre o Acesso das/dos Transexuais à Cidadania no Brasil. *In*: SEMINÁRIO DE PESQUISA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 2., 2011, Goiânia. **Anais [...]**. Goiânia, GO: FCS/UFG, 2011. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/253/o/Bento_Manoel_de_Jesus.pdf. Acesso em: 19 abr. 2024.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos**. Brasília: Autor, 2012. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989. Acesso em: 24 jan. 2024.

LEITE JÚNIOR, Jorge. **Nossos Corpos Também Mudam: sexo, gênero e a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico**. 2008. 230 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/3992>. Acesso em: 2 maio 2023.

LIMA, Fátima. **A invenção da transexualidade: discursos, práticas e modos de subjetividades**. *In*: INTERNACIONAL GENDER AND LANGUAGE ASSOCIATION CONFERENCE, 7th., 2012, São Leopoldo, RS. **Proceedings [...]**. São Leopoldo, RS: UNISINOS ; Casa Leiria, 2012.

LINDEMANN, Catia. **Biblioteconomia Social: Discutindo e refletindo a identidade de gênero**. **Biblioo**, [s.l.], 19 nov. 2016. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20171002061513/https://biblioo.cartacapital.com.br/biblioteconomia-social-discutindo-e-refletindo-a-identidade-de-genero/>. Acesso em: 18 jun. 2022.

LOPES, Anchyses Jobim. **Transexualidades: psicanálise e mitologia grega**. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, n. 47, p. 47-71, jul. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0100-34372017000100005. Acesso em: 10 out. 2023.

MOSER, Caroline O. N. Gender Planning in the Third World: Meeting Practical and Strategic Gender Needs. **World Development**, [s.l.], v. 17, n. 11, p. 1799-1825, 1989. Disponível em: https://www.academia.edu/28265102/Gender_planning_in_the_third_world_Meeting_practical_and_strategic_gender_needs. Acesso em: 9 maio 2022.



PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. *In*: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SZWAKO, José (org.). **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009. (Coleção sociedade em foco: introdução às ciências sociais). p. 116-148.

SÁNCHEZ-TARRAGÓ, Nancy; SILVA, Maria Clara Tavares da. O domínio da ética na organização e representação do conhecimento: um mapeamento da produção científica brasileira. **Folha de Rosto**, Juazeiro do Norte, v. 8, n. 2, p. 86-114, maio/ago. 2022. DOI: <https://doi.org/10.56837/fr.2022.v8.n2.681>. Disponível em: Acesso em: 30 nov. 2023.

SANTOS, Raimunda Fernanda dos; NEVES, Dulce Amélia de Brito; CORTES, Gisele Rocha; SILVA, Laelson Felipe da. A representação colaborativa da informação e a construção de linguagens documentárias sobre diversidade de gêneros: análise das contribuições do dicionário de gêneros - "só quem sente pode definir". *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. **Anais [...]**. Marília: UNESP, 2017. GT 2- Organização e Representação do Conhecimento. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/105059>. Acesso em: 3 jul. 2022.

SÃO PAULO. Governo do Estado. Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania. Coordenação de Políticas para a Diversidade Sexual. **Diversidade sexual e cidadania LGBT**. São Paulo: SJDC/SP, 2014. 44p.

SCOTT, Joan W. Gender: A Useful Category of Historical Analysis. **The American Historical Review**, v. 91, n. 5, p. 1053-1075, dez. 1986. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1864376>. Acesso em: 1 fev.2024.

SOUSA, Beatriz Alves de. **O Gênero na Biblioteconomia**: percepção de bibliotecárias/os. 2014. 270 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/129392>. Acesso em: 2 maio 2023.

TÁRCIA, Rodrigo Amorim; CARVALHO, Milo. **THESA**: Tesouro sobre Orientação Sexual e Identidade de Gênero. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS: [s. n.], 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/tesauros/index.php/thesa/terms/283>. Acesso em: 2 jul. 2022.

TRANSCENDEMOS explica. **Transcendemos**, [s.l.], [14 mar. 2021]. Disponível em: <https://transcendemos.com.br/transcendemosexplica/trans/#:~:text=Travesti%20%C3%A9%20uma%20pessoa%20que,a%20ter%20mais%20peso%20pol%C3%ADtico>. Acesso em: 26 jan. 2024.

TRAVESTI. *In*: TESAURO sobre Orientação Sexual e Identidade de Gênero. Porto Alegre: UFRGS, 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/tesauros/index.php/thesa/c/21636/283/>. Acesso em: 20 jan.2024.

VIEIRA, Nathan. Professora prostituta? Algoritmo do Google continua hipersexualizando minorias. **Canaltech**, [s.l.], 3 nov. 2019. Disponível em: <https://canaltech.com.br/internet/professora-prostituta-algoritmo-do-google-continua-hipersexualizando-minorias-154221/>. Acesso em: 2 maio 2023.



Declaração de Contribuição dos Autores

Lucas Bento Oliveira dos Santos Tomaz – Conceptualização – Curadoria dos Dados – Análise Formal - Investigação – Metodologia – Visualização – Escrita (rascunho original) – Escrita (análise e edição).

Carla Beatriz Marques Felipe – Análise Formal — Investigação – Metodologia – Administração do Projeto – Supervisão – Escrita (análise e edição).

Como citar o artigo:

TOMAZ, Lucas Bento Oliveira dos Santos; FELIPE, Carla Beatriz Marques. O papel da indexação na categorização da transexualidade e travestilidade. **Revista Informação na Sociedade Contemporânea**, Natal, v. 8, p. e35259, 2024. DOI: <http://doi.org/10.21680/2447-0198.2024v8n1ID35259>.